

Cidade era livre até no nome

Quando a Cidade Livre surgiu, em 1956, ela foi criada para ser o canteiro de obras da Nova Capital. Era o lugar onde convergiam todas as atividades administrativas, comerciais e populacionais do Distrito Federal e tinha como função básica atrair pessoas de todas as partes do País, principalmente do Nordeste e de Goiás, para povoar e trabalhar na construção de Brasília.

Como incentivo, o governo oferecia aos comerciantes e empresários a garantia de que não teriam que pagar nenhum tipo de imposto. Ficariam, assim, livres de qualquer encargo fiscal, além de terem a liberdade para trabalhar em qualquer horário do dia ou da noite, daí o nome Cidade Livre.

Segundo o historiador Adirson Vasconcelos, muitos acreditavam que o nome Cidade Livre era pejorativo e viam com simpatia o nome administrativo de Núcleo Pioneiro. A idéia de se mudar o nome para Núcleo Bandeirante surgiu a partir da denominação que o presidente Juscelino Kubitschek costumava empregar ao se referir a todos aqueles que trabalhavam nas obras de Brasília: o bandeirante.

Em pouco tempo, a Cidade Livre, ou Núcleo Bandeirante, estava repleta de pioneiros, nos bares, boates, cinemas, mercados, feiras, hotéis e comércio em geral.

Terminada a construção de Brasília, em 1960, a continuidade do Núcleo já não fazia mais sentido para os administradores, que o planejaram para existir somente enquanto durassem as obras da capital. A partir dessa data, os moradores teriam que ser transferidos para a Asa Norte, Taguatinga e Gama.

Mas, os moradores já afeiçoa-

dos à vida na cidade não queriam se transferir para outro lugar e iniciaram, então, um movimento em favor da fixação definitiva da cidade. As pressões para a transferência dos pioneiros aumentaram no Governo de Jânio Quadros e depois de muita luta, os moradores conseguiram através do Congresso Nacional, a aprovação da lei nº 4020, de 20 de dezembro de 1961, que garantiu a permanência e a fixação do Núcleo Bandeirante, como cidade-satélite.

Joaquim José de Oliveira, o Joaquim Barbeiro, como é conhecido por todo o Núcleo Bandeirante, lembra com orgulho da luta travada em prol da fixação da cidade, onde, segundo ele, muitas pessoas morreram para continuar lá: "Lutaram muito para me tirar daqui, mas não conseguiram".

Joaquim veio com a família para Brasília, em março de 1957, em busca de aventura. Trouxe com ele, os instrumentos de sua mais nova profissão: um pente, tesoura, navalha e uma cadeira, improvisando ao ar livre uma barbearia. Era o primeiro barbeiro da cidade. Não demorou muito, e montou o "Salão JK", onde atendia peões de obra, engenheiros, arquitetos, comerciantes, advogados e até o presidente Juscelino Kubitschek. Joaquim conta emocionado que Juscelino sempre que podia ia até seu salão fazer a barba e conversar um pouco.

Trabalhando há 30 anos na administração regional como barbeiro, apesar de ocupar o cargo de agente administrativo, Joaquim ainda mantém a mesma cadeira que serviu a Juscelino. Ele guarda ainda, orgulhoso, a programação dos festejos em comemoração à aprovação da lei que fixou o Núcleo como cidade-satélite.